

**A IMPORTÂNCIA DA CONCEPÇÃO DA ENQUETE OPERÁRIA DE MARX PARA
PESQUISAS NO ÂMBITO DO SINDICALISMO EM EDUCAÇÃO**

**LA IMPORTANCIA DE LA CONCEPCIÓN DE LA ENCUESTA OBRERA DE MARX PARA
LA INVESTIGACIÓN EN EL ÁMBITO DEL SINDICALISMO EN LA EDUCACIÓN**

**THE IMPORTANCE OF THE CONCEPTION OS MARX'S WORKING SURVEY FOR
RESEARCH IN THE SCOPE OF UNIONISM IN EDUCATION**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.51408>

Amanda Moreira da Silva¹

Resumo: O presente artigo tem como aporte o referencial teórico-metodológico de Marx, principalmente a Enquete operária, publicada em 1880. O objetivo é resgatar o questionário de Marx tratando-o como um instrumento valioso para o desenvolvimento de pesquisas no sindicalismo em Educação. Assim, serão abordados: i) a concepção da Enquete operária, localizada no contexto histórico em que foi produzida, trazendo os seus princípios, objetivos e elementos metodológicos; ii) a importância da utilização desse instrumento no interior do sindicalismo em Educação, trazendo como exemplo empírico uma pesquisa realizada pela Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Asduerj), realizada no período da crise sanitária da Covid-19.

Palavras-chave: Enquete operária. Marxismo. Sindicalismo. Educação. Trabalho docente.

Resumen: Este artículo se basa en el marco teórico-metodológico de Marx, especialmente en la Encuesta Obrera, publicada en 1880. El objetivo es rescatar el cuestionario de Marx, tratándolo como un valioso instrumento para el desarrollo de la investigación sobre el sindicalismo en Educación. Así, se abordará lo siguiente: i) la concepción de la Encuesta de Trabajadores, situado en el contexto histórico en que se produjo, trayendo sus principios, objetivos y elementos metodológicos; ii) la importancia de utilizar este instrumento dentro del sindicalismo en la Educación, trayendo como ejemplo empírico una encuesta organizada por la Asociación de Profesores de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (Asduerj), realizada durante el período de la crisis sanitaria de la Covid-19.

Palabras clave: Enquesta obrera. Marxismo. Unionismo. Educación. Trabajo docente.

Abstract: This article is based on Marx's theoretical-methodological framework, especially the Working Survey, published in 1880. The objective is to rescue Marx's questionnaire, treating it as a valuable instrument for the development of research on trade unionism in Education. Thus, they will be treated: i) the conception of the Working Survey, located in the historical context in which it was produced, bringing its principles, objectives and methodological elements; ii) the importance of using this instrument within trade unionism in Education, bringing as an empirical example a survey organized by the Association of Teachers of the State University of Rio de Janeiro (Asduerj), carried out during the period of the Covid-19 health crisis.

Keywords: Working Survey. Marxism. Unionism. Education. Teaching work.

Introdução

Diante de uma crise sanitária sem precedentes, como a que se apresentou no início dos anos 2020, a classe trabalhadora foi submetida às condições laborais mais diversas, ampliando e acelerando formas de precarização. O aumento das jornadas, a intensificação do trabalho e as implicações disso para a saúde dos trabalhadores são questões presentes em nossos dias e que já se colocavam como alvo de preocupação nos textos de Marx (2014) e Engels (2010) quando expunham a dimensão empírica acerca das condições de vida da classe trabalhadora.

Um exemplo é a obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicada em 1845 (ENGELS, 2010) em que o autor faz uma pesquisa minuciosa, com fontes disponíveis nos meios oficiais (parlamento, comissões de higiene etc.), a respeito da classe operária e do proletariado rural, independentemente dos meios oficiais. Assim como Marx que, em sua obra máxima, *O capital* (MARX, 2014), além de ter elaborado as grandes articulações da teoria do modo de produção capitalista, também trouxe um conjunto de informações empíricas, sem as quais a teoria permaneceria vã especulação filosófica (THIOLENT, 1987). Ou seja, assim como Engels (2010) relata a situação da classe trabalhadora inglesa em meados do século XIX, Marx (2014) também estuda e discute as condições de saúde e acidentes a que estavam expostos os trabalhadores, utilizando, para isso, relatórios produzidos por inspetores de fábrica.

A obra de Marx e Engels foi baseada, portanto, no grande esforço de reunir a teorização do modo de produção capitalista com a elaboração de um conhecimento empírico da situação concreta da classe trabalhadora. Esses dois elementos remetem a um duplo trabalho de ambos: a crítica da economia política e da filosofia clássica, somada ao levantamento crítico das informações disponíveis sobre a classe trabalhadora da época. Essa articulação entre teoria e empiria está presente em diversas obras dos autores, mas para fins deste artigo nos apoiamos, exclusivamente, na concepção de *Enquete operária* – derivada do questionário formulado por Marx em 1880 (MARX, 1987, 2022)² – entendendo-a como uma ferramenta condizente com o desafio colocado ao movimento sindical nos dias atuais.

No questionário de 1880 estão presentes as perguntas elaboradas por Marx, em que se evidenciam o método materialista histórico dialético presente em suas obras como forma de compreensão da totalidade. Por meio da *Enquete operária*, Marx (1987, 2022) faz um diálogo permanente com a sua teoria e com o conjunto de suas obras, principalmente *O Capital* (2014), o que torna a *Enquete* um texto importante, em contraste com sua pouca utilização pelos movimentos dos trabalhadores. *O Capital* não é apenas obra de “teoria pura” ou construção de um “modelo abstrato”, a obra de Marx “contém uma análise das condições de trabalho, de remuneração e das diferenciações da classe trabalhadora que é muito detalhada no plano sociológico e que orienta a temática da enquete operária” (THIOLENT, 1987, p. 104).

Como o próprio nome revela, a *Enquete operária* aborda, principalmente, o trabalho industrial. No decorrer dos séculos o modo de produção capitalista se desenvolveu, ampliando cada vez mais outros setores da economia, o que implicou numa série de novos problemas. Sabemos que a forma atual do conflito entre capital e trabalho não é exatamente a mesma do tempo em que a *Enquete operária* foi desenvolvida, mas a essência da exploração não mudou e continua associada ao processo de produção capitalista e à exigência

de valorização que lhe é inerente. Isso explica a atualidade do questionário de Marx e dos problemas que ele aborda.

Segundo Alves e Jackson (2017), a *Enquete operária* é atual por seis razões principais: i) explora problemas de saúde e de vida que continuam presentes no mundo contemporâneo; ii) relaciona problemas de saúde e de vida dos operários ao processo de produção capitalista; iii) valoriza o saber dos trabalhadores; iv) sintetiza a teoria desenvolvida por Marx em *O capital*; v) integra a luta por saúde dos trabalhadores na luta pela libertação do trabalho alienado; e vi) pode servir como base para futuras enquetes operárias.

Entendendo que a força e a atualidade da *Enquete operária* estão justamente no fato de ela se apoiar na teoria marxista de seu tempo, resgatamos, para fins deste artigo, o questionário de 1880 como a concepção que sustentou uma pesquisa desenvolvida pela Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Asduerj), no ano de 2020, durante o primeiro período acadêmico emergencial com trabalho remoto, devido ao advento da pandemia da Covid-19. Uma investigação que buscou contribuir para um debate sobre as condições atuais dos professores das universidades públicas brasileiras ao analisar como as formas de precarização e intensificação do trabalho se aprofundaram durante a pandemia, por meio do trabalho remoto.

Não se trata de considerar que o questionário formulado por Karl Marx, em 1880, é isento de problemas e que pode ser aplicado em qualquer contexto, época ou circunstância. Esse é um dos limites da *Enquete* – o texto de Marx (1986) não contempla o setor de serviços, ou o trabalho imaterial e/ou improdutivo. De todo modo, é a forma da *Enquete operária* que continua atual, e não necessariamente as mesmas perguntas formuladas por Marx no final do século XIX. Obviamente as realidades do atual capitalismo financeirizado e das organizações da classe trabalhadora são muito diferentes das do século retrasado (embora também carreguem muitas semelhanças). Decerto que é preciso considerar as particularidades, principalmente para quem se propõe a analisar um setor específico desta classe: os docentes de uma universidade.

Embora o universo da aplicação seja muito diferente, assim como o grupo pesquisado, o fundamental consiste em delinear uma concepção de investigação que seja relevante tanto para análise científica da situação da classe trabalhadora quanto para uma prática orientada no campo sindical e/ou político. O que nos parece fundamental, ao resgatar a *Enquete Operária*, é a concepção contida no questionário, que nos conduz a traçar um caminho que possa nos levar à elaboração de uma pesquisa inspirada naquela, mas atualizada e adaptada a objetivos específicos dependentes de uma avaliação da conjuntura sociopolítica.

Atualmente, a exploração se complexificou e tem sido cada vez mais difícil reconhecer a expropriação e os mecanismos de produção direta ou indireta de mais-valia, seja por meio do trabalho produtivo ou improdutivo. No contexto pandêmico, com o agravamento das formas de exploração e intensificação do trabalho, os professores das Universidades também sofreram os efeitos das mudanças no mundo do trabalho e tiveram a sua função laboral brutalmente alterada, o que trouxe um forte impacto para a saúde física e psíquica desses trabalhadores.

Ao tratarmos da relevância da *Enquete operária* para pesquisas sobre o mundo do trabalho do século XXI, particularmente no setor da Educação, destacamos a importância da investigação social estar ligada à prática política da classe trabalhadora. Assim, para fins deste artigo abordaremos, primeiramente, a concepção da Enquete, localizada no contexto histórico em que foi produzida, trazendo os seus princípios, objetivos, elementos metodológicos e destacando a importância de pensarmos esse instrumento no interior do sindicalismo em Educação. Posteriormente, traremos como exemplo empírico uma pesquisa organizada pela Asduerj, realizada num período atípico e de grandes transformações laborais advindas do contexto pandêmico, no sentido de apresentar a aplicação de um questionário com objetivos semelhantes àquele pensado por Marx.

Enquete operária: princípios, objetivos e elementos metodológicos

O Questionário de 1880, conhecido como *Enquete Operária*, consistiu numa série de questões elaboradas por Marx com o intuito de fazer uma investigação a respeito das condições de vida da classe trabalhadora na França. Por meio desse instrumento buscou-se conduzir trabalhadores e trabalhadoras a uma observação e análise ampla de seu local de trabalho (condições de trabalho, higiene, remuneração etc.), assim como dos aspectos mais gerais relativos ao posicionamento do Estado, por meio da fiscalização, controle e/ou repressão e no que diz respeito às leis trabalhistas, ao direito de greve, ao trabalho de crianças e mulheres etc. Ou seja, Marx redigiu e publicou a *Enquete operária* com o objetivo de investigar as condições de vida e saúde da classe trabalhadora francesa, e, além da investigação em si, tratava-se de politizar e fortalecer as organizações de luta dos trabalhadores.

Ao dizer que os operários são os únicos capazes de descrever convenientemente as condições nas quais são explorados, Marx faz mais do que indicar um simples procedimento operatório. Coloca o princípio de um método de trabalho político que se encontra implicitamente na *Crítica da Economia Política*. (LANZARDO, 1987, p. 233)

As questões sobre acidentes de trabalho foram elaboradas com base em relatórios de inspetores de fábrica ingleses citados em *O capital*. As perguntas sobre os movimentos do emprego e dos salários durante os ciclos da economia capitalista estão baseadas na teoria das crises, também presente na grande obra de Marx. Assim, “é possível afirmar que a *Enquete operária* é uma síntese da teoria de Marx” (ALVES e JACKSON, 2017, p. 27).

Conforme destaca Thiollent (1987), um dos pontos positivos da *Enquete operária* é justamente a negação da passividade e o fato de ser mais do que um simples somatório de opiniões. As perguntas contidas no questionário buscaram estimular os trabalhadores a observar as próprias condições de trabalho, de remuneração, de segurança, de saúde etc., ligadas às relações de produção capitalistas, convidando os respondentes a descreverem o que eles conhecem a partir da sua própria experiência de vida material. Ao localizar a *Enquete operária* em seu contexto histórico, Alves e Jackson (2017) afirmam que:

No final da década de 1870, o movimento operário francês começava a se reconstruir após a dura repressão que se seguiu à Comuna de Paris, em 1871. Foi nesse contexto que, em 1880, Marx (1982) redigiu e publicou a *Enquete operária*. A primeira referência de Marx (2008) à necessidade de elaboração de enquetes ocorreu em 1866, em nome do Conselho

Central Provisório da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), quando o autor solicitou a elaboração de inquéritos estatísticos sobre a situação dos operários nos países em que a AIT atuava. Marx (2008) destaca que, para agir, é preciso conhecer a realidade sobre a qual se vai atuar, e as enquetes contribuiriam para isso. (ALVES e JACKSON, 2017, p. 14)

Ainda sobre o contexto da *Enquete operária*, cabe dizer que ela surgiu na primeira metade do século XIX, em países europeus marcados pela industrialização capitalista onde o crescimento, a miséria e as revoltas da classe operária foram percebidos como ameaça ou perigo para a sociedade no seu conjunto e, em particular, para as classes dominantes. Conforme o resgate de Thiollent:

A superestrutura, àquela época, ainda não dispunha do conhecimento e da política social necessários ao controle da dita “questão social”. A burguesia ainda não dominava os mecanismos do consenso no seio da nova sociedade global que emergia da antiga sociedade aristocrática. O Estado tinha grande experiência no seu modo de tratar com as classes camponesas, o que não ocorria no tocante à classe operária em formação. A legislação trabalhista foi formulada após décadas e décadas de lutas e debates. Por sua vez, a classe operária ainda não tinha conseguido reunir os meios materiais e intelectuais propícios ao autoconhecimento de sua condição concreta e à interpretação de sua significação histórica. (THIOLLENT, 1987, p. 103)

É preciso destacar, assim como fazem Ramminger *et al* (2013), que essa forma de investigação, fora criada nas primeiras décadas do século XIX, na Europa mais industrializada, a partir de demandas policiais-governamentais, morais e religiosas, para dar conta da emergente “questão operária”, como então se designava a miséria e a periculosidade do trabalho operário. Foi posteriormente que estas técnicas começaram a ser utilizadas pelos chamados grupos socialistas com o objetivo de auxiliar no autoconhecimento da classe operária.

Nesse mesmo sentido, Thiollent (1987) aponta duas fases na elaboração das ditas Enquetes operárias. Uma fase inicial, localizada principalmente na primeira metade do século XIX, quando as enquetes operárias eram investigações feitas a pedido dos governos e dos representantes das classes dominantes para tentarem entender a “questão operária”. E uma segunda fase, situada na segunda metade do século XIX, quando a ideia da *Enquete operária* foi apropriada pelos grupos socialistas como instrumento de autoconhecimento da classe operária sem compromisso com as autoridades ou as academias. Ao destacar esses momentos, o autor afirma que o questionário que Karl Marx formulou em 1880, a pedido da *Revue Socialiste*, na França, inscreve-se nesse segundo contexto. O questionário, portanto, foi divulgado na perspectiva de elaborar e publicar livros sobre a situação da classe operária. Por causa de diversas dificuldades, a revista desapareceu pouco tempo depois, em 1881 e o objetivo não foi alcançado. (THIOLLENT, 1987).

Ao abordar a concepção socialista na *Enquete operária* de Marx, Raniero Panzieri (1987) destaca a necessidade de assegurar a unidade da teoria com a prática, como um objetivo permanente e essencial. Dessa forma, possíveis objetivos da *Enquete operária* seriam: i) o estudo de fenômenos que ocorrem em situação de conflito; ii) O estudo das transformações que ocorrem na composição da classe operária em relação com os modos de organização do trabalho e evolução da tecnologia. (THIOLLENT, 1987).

Na introdução do questionário, Marx (1987, 2022) destaca que um dos objetivos da *Enquete* era forçar o governo francês a fazer uma investigação séria sobre a situação da classe operária naquele país,

como já havia acontecido na Inglaterra, resultando em conquistas como a limitação da jornada legal de trabalho em dez horas por dia e leis sobre o trabalho de mulheres e crianças (ALVES E JACKSON, 2017). “Para Marx, trata-se também parcialmente de uma pesquisa que, por suas perguntas precisas, tende a suscitar possibilidades novas ao nível da organização da luta” (LANZARDO, 1987, p. 243). Cabe dizer que:

A enquete foi organizada pela *Revue Socialiste* e não por Marx, que apenas elabora o questionário. Na origem, encontrava-se o movimento operário francês que desejava organizar de maneira mais eficaz a luta sindical e procurava por isso conhecer melhor as condições reais de exploração da classe operária, o grau de organização que atingira etc. Desejava também ampliar assim a base operária dos grupos socialistas e das associações operárias tomando contato diretamente com o maior número possível de operários. (LANZARDO, 1987, P. 244)

Com esse fim, Marx forjou o instrumento de tal maneira que os objetivos da Primeira Internacional Socialista recobrissem as necessidades do movimento operário francês. E afirmou contar ainda com “os socialistas de todas as escolas, que, aspirando a uma reforma social, devem, necessariamente, desejar adquirir o conhecimento mais exato e fiel possível a respeito das condições em que vive e trabalha a classe operária, a classe a qual pertence o porvir”. (MARX, 1987, p. 249).

Para isso, Marx formulou um questionário de quatro blocos, totalizando 101 questões numeradas e com um item ao final para observações gerais, direcionado aos trabalhadores das fábricas francesas, com o objetivo não apenas de levantar dados e características de sua situação de trabalho, mas também de mobilizar a sua consciência crítica a respeito de sua condição de exploração. No entanto, conforme destaca Thiollent (1987) a enquete não é canal de propaganda, ela constitui-se como uma fase de investigação, que deve ser articulada com uma campanha de explicação.

É ponto pacífico considerar-se que a “conscientização” por meio de enquete é realmente uma ilusão [...]. Enquete não é canal de propaganda. A enquete operária constitui uma fase de investigação que, em geral, é articulada com uma campanha de explicação, mas não há confusão entre os dois momentos. [...] O papel “conscientizador” não consiste em querer convencer ou persuadir as pessoas interrogadas. Isto seria o objetivo de uma campanha de propaganda. As “explicações” do questionário são provisórias e submetidas ao entendimento popular para observar até que ponto vão ao encontro das “explicações” espontâneas ou até que ponto elas têm uma influência positiva sobre a capacidade de autodescrição. (THIOLLENT, 1987, p.113)

Com isto posto, cabe dizer que a *Enquete* pretendia, por um lado, fornecer à classe operária futuros instrumentos teóricos e fazê-la “tomar consciência” da verdadeira natureza do capitalismo e de sua condição de classe explorada; e, por outro lado, desejava, a partir de um exemplo concreto, propor aos grupos socialistas das diferentes escolas um método de trabalho fundado no socialismo científico, capaz de criar as condições para uma luta eficaz contra o capitalismo. Marx desejava, assim, dar um sentido real à ação realizada em comum pelos diversos grupos e associações operárias. (LANZARDO, 1987).

Nesse sentido, a *Enquete operária* buscou constituir a possibilidade de uma efetiva superação da unilateralidade, da artificialidade ou da individualização das demais enquetes tradicionais. Para isso, conforme resgata Thiollent (1987), os dados são obtidos a partir de uma problemática explícita, “traduzida” em perguntas e decorrente da teoria. Tal “imposição” dá a possibilidade aos investigadores, já na fase de

pesquisa, de apreciar a influência do senso comum ao nível das respostas que são imediatamente cotejadas por outras perguntas e explicações derivadas da problemática. “Tal questionamento constitui o início de uma crítica do senso comum na qual os operários intervêm diretamente” (THIOLLENT, 1987, p. 29).

As dificuldades foram muitas e os recursos para a realização da pesquisa foram escassos, por isso Marx contava, sobretudo, com a ajuda dos próprios operários da cidade e do campo, “conscientes de que apenas eles pudessem descrever, com todo conhecimento de causa, os males que suportam, e de que só eles, e não os salvadores providenciais, podem energeticamente remediar as misérias sociais que sofrem” (MARX, 1987, p. 249).

Como destaca Lanzardo (1987), foram distribuídos 25 mil exemplares do questionário e cerca de cem retornaram respondidos. Entretanto, o autor destaca que esse fato tem importância relativa, pois “o essencial era que os questionários, chegando aos operários, lhes dessem novas possibilidades de conhecer a maneira pela qual a exploração capitalista funciona” (LANZARDO, 1987, p. 245). Ou seja, o objetivo da *Enquete* não se restringia à coleta de informações sobre a classe operária francesa, mas tratava de contribuir para o fortalecimento dos movimentos dos trabalhadores, que começavam a se reorganizar após a dura repressão que se seguiu à Comuna de Paris. Ou seja, além de instrumento de conhecimento, a *Enquete* foi uma forma de ação política. É por isso que algumas perguntas do questionário continham afirmações, porque a forma da *Enquete operária* – entendida como um mecanismo de investigação e politização da classe trabalhadora – tanto leva quanto traz conhecimentos; pode, inclusive, ser elaborada em conjunto com os trabalhadores. (ALVES e JACKSON, 2017).

Para um grupo político, a *Enquete operária* é um instrumento de conhecimento da realidade concreta e um meio de ação de base que consiste em estabelecer contato com os trabalhadores.

A enquete é um método correto, eficaz e politicamente fecundo para entrar em contato com os operários isolados ou com grupos de operários. Não apenas existe afastamento, diferença, contradição entre a enquete e este trabalho de construção política, como também a enquete aparece como um aspecto fundamental deste trabalho. Além disso, o trabalho de discussão teórica entre camaradas, com os operários etc., ao qual a enquete nos obrigará representa um meio de formação política em profundidade; nisto também a enquete é um excelente instrumento de trabalho político (PANZIERI, 1987, p. 231).

No seu conjunto, a atividade de *Enquete operária* contém duas fases: a investigação e a divulgação dos resultados alcançados e explicações correspondentes. Diversas questões de orientação devem ser cuidadosamente solucionadas pelo grupo para que, na sua atividade, as exigências metodológicas e as exigências políticas estejam equilibradas. O lançamento de uma *Enquete operária* pressupõe uma clara definição política dos objetivos do grupo. Caso contrário, o controle metodológico do processo de investigação é impossível. Além disso, como destaca Thiollent (1987), a *Enquete operária* pode ser planejada com amostras, mas os critérios de representatividade estatística não são determinantes. “Muitas vezes, são selecionadas empresas ou categorias de trabalhadores cuja representatividade é de ordem qualitativa – isto é, política – mais do que quantitativa” (THIOLLENT, 1987, p. 113). Ou seja, conforme destaca o autor, a importância social ou histórica de certos grupos, ou de certas ideias, não é apenas dada pelo peso numérico ou pela frequência.

Além disso, com a perspectiva de classe adotada na *Enquete operária* as coisas estão claras desde o início para o grupo investigado e o pressuposto de não-neutralidade é explícito e considerado como critério de descrição e análise. Nunca é demais reafirmar que a neutralidade é falsa ou inexistente na medida em que qualquer investigação pressupõe uma teoria e uma prática variável segundo os interesses político-econômicos e as perspectivas (de manutenção ou transformação) que estão em jogo no processo de construção do conhecimento.

A *Enquete operária*, para Marx, não deve ser considerada uma mera coleta de informações sobre a realidade social ou uma atividade descritiva episódica a ser realizada à margem do trabalho político. Ao contrário, o questionário de 1880 deve ser analisado como uma atividade única que buscou unir o rigor científico com a emancipação política. A *Enquete* colocou-se, portanto, como um instrumento de investigação sobre as condições de vida e trabalho e também de politização da classe trabalhadora, buscando contribuir para a organização e o fortalecimento dos trabalhadores franceses, constituindo-se em instrumento político que tomou partido, sem criar uma falsa ilusão de imparcialidade.

Nesse sentido, uma concepção que associa o grupo investigador e o grupo investigado, promovendo a inserção do primeiro a uma rede de comunicação ligada ao movimento dos trabalhadores, com ambas as partes cientes da dimensão política da investigação, parece uma perspectiva fundamental para pesquisas que investigam a classe trabalhadora, principalmente para aqueles e aquelas que se dispõem a fazer estudos no âmbito do sindicalismo em Educação.

A concepção da Enquete operária em uma pesquisa desenvolvida no âmbito do sindicalismo em Educação

Conforme afirma Thiollent (1987), a Enquete de 1880 não é perfeita nem aplicável em qualquer circunstância ou época, mas a concepção que a sustenta pode servir como base para a elaboração de novas enquetes operárias. É nesse sentido, utilizando o método marxista e com inspiração na *Enquete operária* de Marx, que destacamos a pesquisa feita pela Associação de Docentes do Estado do Rio de Janeiro (Asduerj), realizada com professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), no final do ano de 2020, quando esses trabalhadores sofreram um forte impacto advindo das mudanças repentinas no seu modo de ser e de viver devido às medidas de distanciamento social, implicando em novas dinâmicas de trabalho que se mostraram bastante deletérias.

Mesmo com pesquisas em curso em alguns institutos, e outras investigações realizadas pela própria administração central da Universidade, o sindicato de docentes da Uerj resolveu levar a cabo uma pesquisa que partisse da representação dos próprios trabalhadores, buscando levantar dados que pudessem demonstrar a realidade do trabalho na Universidade. Expressando também a recusa em deixar exclusivamente na mão da administração central e dos seus institutos o julgamento sobre as condições de trabalho dos docentes, tendo a fixação dos limites de nocividade no trabalho feitos pela própria representação sindical.

As ideias que nortearam a linha metodológica da pesquisa foram inspiradas pelo processo de produção de conhecimento e análise histórica encaminhada por Marx na *Enquete Operária*, levando a cabo o exercício do questionário de 1880, que se colocava em oposição à ideia de que o trabalhador ignora ou é apenas passivo frente à realidade em que vive. A pesquisa foi desenvolvida de tal modo que fosse possível a descrição do universo de vida ou de trabalho, que dificilmente poderia ser atingida por outros procedimentos. Afinal, somente com a autodescrição do posto de trabalho, por parte do trabalhador, pode-se avaliar a real dimensão existencial da classe.

A pesquisa “Trabalho docente na Uerj em tempos de pandemia” (ASDUERJ, 2021), foi realizada no primeiro Período Acadêmico Emergencial (PAE) na Uerj, que ocorreu de setembro a dezembro de 2020. A pesquisa foi direcionada ao total de docentes da instituição e o objetivo foi analisar as condições de trabalho na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) durante a pandemia de Covid-19, a partir de informações que subsidiassem a análise dos problemas, visando a elaboração de políticas consequentes, melhorias nas condições de trabalho e o fortalecimento da luta sindical. Assim, o questionário da Asduerj buscou destacar as características, atitudes e percepções dos docentes da Universidade a partir das hipóteses levantadas pelo próprio sindicato; contribuindo para o debate sobre a forma como os docentes lidaram com uma nova e complexa realidade que se apresentou inesperadamente.

As questões elaboradas partiram das observações das demandas e aflições da categoria, apresentadas em plenárias e assembleias de base. Portanto, os objetivos políticos da investigação foram construídos à luz de hipóteses decorrentes de um fato inicial e diante de uma situação particularmente conflitante. Além disso, o processo de pesquisa contou com a participação não só dos sindicalizados, mas também dos não sindicalizados, buscando uma aproximação com toda a categoria.

Durante a coleta de dados, houve ainda todo um cuidado para não expor a identidade dos trabalhadores, no entanto, a pesquisa contou com a identificação dos participantes³. Neste ponto também foram adotados os mesmos critérios de Marx conforme destacado na introdução do questionário de 1880:

Não se publicará o nome da operária ou operário que enviar a resposta, a não ser que haja expressa autorização para isso; entretanto, cada remetente deverá indicar o seu nome e endereço, de modo a permitir, se for o caso, entrar em contato com ele. [...] As respostas serão classificadas e servirão de base para uma série de monografias especiais, que serão publicadas na *Revue Socialiste*, e, mais tarde, reunidas em um volume. (MARX, 1987, p. 250)

A prática de disseminar a *Enquete* também representava um passo na organização deste projeto, por estabelecer vínculos diretos com os trabalhadores. “Não é essencial responder a todas as perguntas”, escreveu Marx. “O nome do trabalhador ou trabalhadora que está respondendo não será publicado sem permissão especial, mas o nome e o endereço devem ser dados para que, se necessário, nós possamos nos comunicar” (MARX, 1987, p. 250). Para os entusiastas da *Enquete*, esta tentativa de forjar contatos reais com os trabalhadores era de fato uma intenção genuína do projeto, a fim de que, deste diálogo, emergisse não apenas a constatação da complexidade e a singularidade que cada um vivencia em sua situação de trabalho, mas também realizar um esforço de verbalização e possível generalização da experiência da classe operária. Foi a partir dessa concepção que a pesquisa da Asduerj foi desenvolvida, combinando o objetivo de

mobilização e politização no âmbito ético-político com os objetivos reivindicatórios no âmbito econômico-corporativo (GRAMSCI, 2001a, 2011b), ligados aos interesses imediatos dos trabalhadores.

Em relação à coleta de dados da pesquisa, esta se deu por meio de questionário⁴ *on-line* autoaplicado, disponibilizado na plataforma *Google Forms*, no período de 26 de novembro a 14 de dezembro de 2020 e, conforme consta no relatório (ASDUEJ, 2021), o instrumento de pesquisa foi enviado para todos os *e-mails* institucionais das unidades acadêmicas, solicitando que fossem encaminhados para todo o corpo docente; além disso, o questionário foi amplamente divulgado nas redes sociais e por aplicativos de mensagem do sindicato, atingindo assim um expressivo número de respondentes das unidades de todos os centros setoriais. Do total de 2.862 trabalhadores docentes ativos na Universidade, retornaram 553 questionários respondidos. A amostra foi constituída, portanto, por 553 docentes (19,32% do total) de todos os centros setoriais, sendo: 41 titulares (35,65% desta categoria); 141 associados (19,45% desta categoria); 268 adjuntos (18,97% desta categoria); 79 assistentes (19,50% desta categoria); 03 auxiliares (6,25% desta categoria) e 19 substitutos (12,18% desta categoria). Entre os respondentes, 39,7% estão inseridos no Centro de Educação e Humanidades, 27,9% estão no Centro de Tecnologia e Ciências, 19,1% estão no Centro Biomédico e 13,2% estão no Centro de Ciências Sociais. Do total de docentes da amostra, 53,3% são filiados à Asduerj e 46,5% não são filiados ao sindicato.

Voltando ao questionário de Marx, pode-se facilmente encontrar um fio condutor que une suas quatro partes e forma um todo funcional e homogêneo. Com essa inspiração foram conduzidos os blocos da pesquisa sindical da Asduerj. Sobre os tópicos pesquisados, as 68 questões contidas no questionário, foram distribuídas em sete blocos: 1) Perfil docente; 2) Tempo de Trabalho; 3) Demandas, exigências e cotidiano profissional; 4) Utilização de tecnologias digitais e desenvolvimento de atividades remotas de ensino; 5) Saúde docente; 6) Relações de trabalho e 7) Organização sindical (ASDUEJ, 2021).

Na primeira parte do questionário, a seção sindical procurou se informar sobre o perfil dos respondentes. As primeiras informações coletadas sobre os docentes foram referentes às características demográficas e à vinculação profissional. Em seguida, no segundo bloco de perguntas, foram trazidas questões referentes ao tempo de trabalho, demonstrando um aumento da média de horas trabalhadas por meios remotos, o que revelou que a precarização do trabalho docente já existente em momentos anteriores, aumentou consideravelmente durante a pandemia, atingindo o seu máximo no trabalho remoto devido à imbricação entre tempo de trabalho e tempo de vida.

As perguntas do segundo bloco, que dizem respeito ao tempo de trabalho, abrem caminho para o bloco seguinte que trata das demandas, exigências e cotidiano profissional (ASDUEJ, 2021). Esse conjunto de questões revelou que o isolamento social impôs novas rotinas de vida e de trabalho aos docentes, mas as demandas nas unidades acadêmicas seguiram o seu curso no ano de 2020, durante o primeiro Período Acadêmico Emergencial (PAE-1), exigindo dos professores e professoras que prosseguissem com as atividades que desenvolviam antes, principalmente as referentes ao ensino e à pesquisa, gerando uma enorme sobrecarga de trabalho. Aqui, a duração da jornada e a intensificação do trabalho tornam-se mais explícitas à percepção, pois os docentes foram induzidos a uma autoafeição da quantidade de força de trabalho empregada durante o trabalho remoto. Neste ponto, não se tratava apenas

de definir tarefas e o tempo de trabalho gastos, que até então poderiam permanecer imprecisos, mas sim desmistificar o trabalho remoto, levando o trabalhador à sistematização de quanto tempo estava gastando a mais com o próprio trabalho.

No quarto bloco de questões a pesquisa tratou da utilização de tecnologias digitais e desenvolvimento de atividades remotas de ensino, buscando concatenar a intensidade do trabalho, as demandas profissionais e as adaptações forçadas às quais os docentes foram submetidos, tendo que custear os instrumentos de trabalho e ajustar as rotinas em suas casas. Deste modo, as questões abarcavam implicitamente a necessidade de o Estado arcar com os custos do trabalho remoto, uma reivindicação já presente na pauta do sindicato e em vias de transformação em uma Resolução pelo Conselho Superior da Universidade (CONSUN, 2020). As perguntas desta parte do questionário da Asduerj poderiam levar às seguintes autoindagações: se o salário é garantido por um contrato estipulado desde o início do trabalho, por que estariam dispostos a trabalhar gratuitamente? Como o Estado pode fazer o docente trabalhar mais sem receber a mais por isso? Além de outras questões que poderiam ser geradas a partir da reflexão do quanto continuam produzindo, mesmo em condições adversas e ao custo do próprio adoecimento ou da possibilidade de isso ocorrer.

As questões dos quatro primeiros blocos do questionário (ASDUERJ, 2021) colocaram-se como extremamente importantes nelas mesmas e o são ainda mais quando relacionamos umas com as outras, pois coadunam com o bloco seguinte que diz respeito à saúde dos docentes. Neste bloco os professores foram conduzidos a responderem sobre os impactos do trabalho remoto sobre a fadiga muscular e nervosa que podem acarretar doenças físicas e psíquicas.

Na sexta parte do questionário, após a análise da própria exploração a partir das descrições feitas anteriormente, o docente passa a responder sobre as relações de trabalho nas quais ele está inserido enquanto trabalhador na universidade. Isso permitiu aos respondentes que relacionassem as características do trabalho remoto com as mudanças em suas relações de trabalho, desempenhando, portanto, uma função importante para a descrição e interpretação da realidade. Essa parte foi composta por um grupo bem homogêneo de perguntas, cujo objetivo foi dar visibilidade às dificuldades e estratégias desenvolvidas para gerir o novo modo de vida e trabalho, cujas respostas proporcionaram a confrontação das observações dos pesquisadores sindicalistas com as vivências dos trabalhadores, possibilitando tanto o diagnóstico de casos de assédio moral (que apesar de poucos casos relatados, tomam uma escala de importância muito superior à sua representatividade numérica) como a transformação dos modos de trabalhar.

E finalmente, no último bloco de questões, os docentes descrevem a maneira pela qual se opõem à própria precarização e intensificação do trabalho, com questões relacionadas à organização sindical. Nesta etapa do questionário os professores responderam se são ou não sindicalizados, se participam das assembleias e plenárias da categoria etc. O propósito essencial dessas questões foi demonstrar que a possibilidade de organização e luta coletiva não apenas existe, como pode ser eficaz. Afinal, em que medida, naquele momento, os trabalhadores estariam convencidos de que sua organização sindical poderia trazer à tona forças antagônicas?

Seguindo a concepção de *Enquete operária*, o objetivo da pesquisa da Asduerj foi fazer uma investigação explicitamente associada a uma ação política, de modo que o polo investigado pudesse controlar a obtenção dos dados e que a interpretação, feita pelo polo investigador, pudesse ser apresentada e discutida. Nesse sentido, após a coleta dos dados, a utilização dos resultados foi coletivizada e publicada num extenso relatório descritivo (ASDUERJ, 2021). Esse material, que se tornou público, foi discutido não só nas instâncias do próprio sindicato que promoveu a pesquisa, mas também em entrevistas jornalísticas, e em diversas atividades *on-line* promovidas por outras seções sindicais do Andes-SN, por grupos de pesquisa diversos, pelo Seminário da Rede Aste (Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores e das Trabalhadoras em Educação) e em diversos canais das mídias sociais⁵.

Assim como foi pensado na *Enquete* de Marx, a pesquisa da Asduerj também previu uma segunda etapa com “canais específicos de divulgação” (THIOLLENT, 1987, p. 117). Após a publicação do relatório, a mesma comissão que o elaborou – composta por membros da diretoria e da base do sindicato – também publicou artigos com análises mais pormenorizadas e aprofundadas na *Revista Advir*, um periódico do próprio sindicato, servindo ainda para ensejar novos estudos e análises no âmbito sindical e acadêmico no sentido da construção de um panorama nacional a respeito do trabalho docente durante a pandemia da Covid-19.

Resumidamente, a primeira fase da pesquisa consistiu na percepção de alteração no cotidiano de trabalho a partir de uma situação nova; a segunda na elaboração de questionários e coleta de dados; a terceira na descrição dos dados e divulgação com uma campanha de sensibilização e explicação que utilizou de redes de comunicação do próprio sindicato e enredou para outras. E a quarta fase consistiu na elaboração do conhecimento sistematizado, com a publicação de artigos sobre as temáticas analisadas, buscando assim contribuir para um debate sobre as condições atuais que enfrentam os professores das universidades públicas brasileiras, ao analisar como as formas de precarização do trabalho, a saúde docente e a utilização das tecnologias digitais, como forma de intensificação do trabalho, se aprofundaram durante a pandemia da Covid-19 (MANCEBO, 2021; RIBEIRO, 2021; SILVA, 2021).

Numa real concepção de pesquisa-ação, a observação unilateral foi substituída por um questionamento coletivo dentre a categoria docente, gerando uma intercomunicação e um diálogo acerca de problemas reais que atingiram a todos e todas, num processo de descrição onde as evidências foram postas em debate. É preciso dizer que, a experimentação desta orientação metodológica pressupõe, por parte dos pesquisadores, sobretudo, disponibilidade, pois a pesquisa não se encerra na coleta e análise dos dados. Desta forma, a pesquisa foi associada a uma ação de transformação das atitudes relativas ao trabalho remoto e também foram enveredados esforços de divulgação em espaços públicos, assim como a realização de sistematizações de análises coletivas.

Assim, indivíduos e grupos tiveram a oportunidade de discutir a problemática, refletir sobre as relações de trabalho e as representações ou ideias derivadas da experiência. Um trabalho que fez emergir um conhecimento necessário à tomada de decisões, à agitação, à formação política e à prática sindical. Podemos afirmar que, sendo concebida em aproximação com a *Enquete operária*, a pesquisa desenvolvida pela Asduerj esteve ligada às ações efetivas e supôs a participação ativa dos trabalhadores, seja no próprio

processo de investigação ou nas fases de divulgação posteriores, combinando as exigências científicas com as exigências políticas.

Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores docentes da Uerj: alguns resultados da Enquete desenvolvida pela Asduerj

A pesquisa “Trabalho docente na Uerj em tempos de pandemia” (ASDUERJ, 2021) identificou algumas questões que relacionam as condições de trabalho e a saúde dos docentes no primeiro ano da pandemia da Covid-19. Alguns resultados serão discutidos brevemente na presente seção deste artigo que se propõe a dialogar com a concepção da *Enquete operária* enquanto procedimento metodológico.

A pesquisa trouxe um conjunto complexo de dados que envolvem a realidade atual da educação superior e mostra que os professores dessas instituições têm enfrentado muitos desafios para cumprir o seu ofício. Com a inserção no trabalho remoto na vida laboral, os docentes passaram a ter jornadas ampliadas e não remuneradas, pois o tempo de preparação de um conteúdo para meios digitais (elaboração de *slides*, gravação e edição de vídeos, disponibilização em plataformas etc.) geralmente é muito maior do que o tempo gasto com a organização de uma atividade presencial. Além disso, os instrumentos de trabalho como computadores, celulares, pacotes de dados, luz, entre outros, têm sido custeados integralmente pelo próprio profissional, indicando um processo de uberização do trabalho docente que também é fortemente atravessado pelo monitoramento (SILVA, 2020).

A ampliação da carga de trabalho induz à insatisfação com o ofício, e o que antes se traduzia em Síndrome de *Burnout*⁶ e exaustão profissional se aprofunda em tempos de pandemia, pois o desenvolvimento das atividades não presenciais contempla diversas outras ações como é o caso da elaboração e correção de atividades síncronas e assíncronas, participação em reuniões, atividades de gestão, orientações, bancas, além das atividades já comumente realizadas num computador, como pesquisas, publicações, relatórios etc.

Conforme indica RIBEIRO (2021), o longo período diante de uma tela de computador, diariamente, potencializa fadigas visuais e ergonômicas, fazendo com que a intensificação crescente do trabalho e a subsequente redução, ou mesmo supressão, da fronteira entre vida acadêmica e pessoal incorram em prejuízos à saúde dos trabalhadores. Em relação aos dados da pesquisa, a autora destaca que entre as mulheres o afastamento se deu por infecção por Covid 19 (35,3%) e transtornos associados ao estresse (23,5%), já entre os homens a maior proporção foi relacionada aos sintomas de ansiedade (25%).

Outro fator preocupante destacado por Ribeiro (2021) em relação aos dados da pesquisa foram as estratégias adotadas pelos docentes para enfrentar esse momento de mudanças abruptas no cotidiano de trabalho. Neste caso, 36,8% dos docentes adotaram estratégias exclusivamente individuais, 35,3% adotaram uma combinação de estratégias individuais e coletivas, e a adoção de nenhuma estratégia foi referida mais frequentemente pelas mulheres (16,3%) (RIBEIRO, 2021).

Conforme indicou a pesquisa (ASDUERJ, 2021), para a maioria dos professores ocorreu um aumento das horas de trabalho. “O produtivismo acadêmico foi aumentando para os homens e reduzido entre as mulheres”. (RIBEIRO, 2021, p. 23) e em relação à carga horária média diária de trabalho durante o

período de Ensino Remoto Emergencial - ERE, 5,6% dos docentes responderam que a média diária de trabalho foi de até 4 horas; para 35,6% foi entre 5 e 8 horas; para 44,7% foi entre 9 e 12 horas e para 14% foi mais de 12 horas por dia.

Considerando que a maior parte dos professores faz parte do regime de trabalho de 40 horas semanais, e que, portanto, são contratados para uma carga horária diária de 8 horas, observamos que a maioria dos docentes está trabalhando muito além da carga horária contratual. Além disso, numa comparação com períodos anteriores à pandemia, houve um aumento da jornada de trabalho de forma não remunerada, segundo as percepções dos próprios docentes. Isso ficou explícito quando 71,6% disseram que trabalharam mais em 2020, numa comparação com anos anteriores. Esse dado é extremamente relevante, visto que já havia uma intensificação do trabalho docente em períodos anteriores, mas que, com a pandemia, aumentou ainda mais e os próprios docentes reconhecem este fato (ASDUERJ, 2021).

Quanto à frequência de trabalho nos finais de semana, os docentes responderam da seguinte maneira: 33,5% disseram que trabalham “sempre”; 36,9% responderam que trabalham “frequentemente”; e 20,5% responderam que trabalham “algumas vezes”. Para 6,2% a resposta foi “raramente” e apenas 2,9% responderam que nunca trabalham nos finais de semana. Percentuais semelhantes também ocorrem para os feriados, quando 34,4% dos docentes disseram que trabalham “frequentemente”; 27,6% responderam que trabalham “sempre”; 23,1% responderam que trabalham “algumas vezes”; 10,9% responderam que trabalham “raramente” e apenas 4% responderam que nunca trabalham durante os feriados. (ASDUERJ, 2021).

Conforme observamos nos dados supracitados, houve sobrecarga, intensificação, ou mesmo naturalização do trabalho fora da carga horária contratual e habitual. Além disso, quase 90% dos docentes têm a impressão de que o tempo não é suficiente para cumprir todas as demandas de trabalho, e mais de 90% se sentiram pressionados com prazos e metas a cumprir, ou seja, o produtivismo já presente em tempos anteriores, consolidado a partir das políticas neoliberais dos anos 1990, se intensificou com a pandemia. (SILVA, 2021)

Há décadas os docentes vêm experimentando um leque ampliado de alterações no cotidiano da vida acadêmica, tanto na graduação como na pós-graduação, a partir de um processo combinado de precarização e intensificação do trabalho que se agravou no contexto atual. Entre os docentes respondentes da pesquisa, 36,5% exerceram algum cargo de gestão/chefia na Uerj (coordenação de graduação, pós-graduação, de estágio supervisionado, direção de unidade etc.). Destes docentes que exerceram funções de chefia, 33,5% afirmaram dedicar mais de 30 horas de trabalho semanal para exercer a referida função; 32% dedicaram entre 10 e 13 horas e 34,5% dos docentes dedicaram 10 horas semanais ou menos para o exercício desta função. Além das atividades já citadas, 66,9% dos docentes desempenharam função como pareceristas de periódicos; 30,1% foram pareceristas de eventos; 26,7% prestaram assessoria ou consultoria na sua área de estudo e pesquisa; 27,2% participaram de comissão/conselho editorial e 15,6% fizeram editorial de revista acadêmica no ano de 2020. (ASDUERJ, 2021).

Conforme demonstraram os dados da pesquisa, o grupo de professores inseridos na pós-graduação apresenta um cotidiano acadêmico com alto grau de intensificação do trabalho, acumulando diversas e

distintas atividades (acadêmicas e administrativas, na graduação e na pós-graduação). Dal Rosso (2008, p. 131) analisa que a “[...] cobrança por resultados pode ser entendida como forma de intensificação num sentido mais subjetivo. Cobrar resultados impõe uma pressão interior ou exterior sobre o trabalhador”. Na verdade, a pressão extrapola a questão da publicação e se enraíza na prática docente em sua totalidade. Nesta dinâmica, outro elemento é relevante: dentre os respondentes da pesquisa, 12,9% são bolsistas produtividade em pesquisa PQ/CNPq, e este também é um fator determinante que vem exigindo do docente pesquisador uma intensificação ainda maior de trabalho, de produtividade e exploração.

No que diz respeito à produção científica durante a pandemia, os professores da Uerj mantiveram a seguinte produção: 17,5% publicaram livro; 55,1% publicaram capítulos de livros; 73% publicaram artigo completo em periódicos; 28,8% tiveram artigos completos publicados em anais de eventos; 31,2% tiveram resumos publicados em anais de eventos; 4,5% publicaram resenha; 10,3% produziram editorial de revista; e 22,7% escreveram prefácio, apresentação, contracapa ou orelha de livros. (ASDUERJ, 2021)

Embora o esforço da produção acadêmica tenha se mantido, conforme evidenciam os dados, 76,0% dos docentes afirmaram que o ano de 2020 representou uma mudança no padrão da sua produção: 50,4% dos docentes afirmaram que produziram menos durante o ano de 2020, enquanto outros 25,6% informaram ter produzido mais. Somente para 24,1% é que não houve mudança no padrão de produção acadêmica que desenvolviam em períodos anteriores⁷.

A precarização do trabalho é caracterizada por diversos elementos, e um deles está relacionado às condições de remuneração e custos com o próprio trabalho. Uma das características do trabalho uberizado “é a necessidade de custeio dos instrumentos de trabalho pelo próprio trabalhador, desonerando o empregador de todos os custos trabalhistas” (SILVA, 2020, p. 599). Nesse aspecto, a pesquisa da Asduerj (2021) apontou que 84% dos professores tiveram de fazer adaptações das condições de suas casas para desenvolver atividades remotas; 52% fizeram novo contrato de internet; 53% compraram equipamentos e mobiliários; 59% fizeram adaptação dos cômodos da casa para lidar com o ensino remoto; 37% tiveram de ajustar rotina da casa; e, 72% compartilham equipamento com outros membros da família.

A pesquisa detectou também que a maior parte dos docentes não considera a plataforma pública utilizada, que é a RNP, como satisfatória. A maioria utilizou outras ferramentas: 77% utilizaram o *Google Meet* e o *Zoom*, e esse é um dado bastante significativo para ser analisado devido a essa naturalização da utilização das plataformas privadas na educação pública, que interferem na autonomia docente e contribuem para o “gerenciamento” e controle, marcas da uberização. (SILVA, 2020, 2021)

Os ritmos impostos pelo trabalho remoto intensificam e complexificam o trabalho docente contemporâneo e, sobretudo, acarretam desdobramentos para a vida, a saúde e as relações entre os trabalhadores docentes, demarcando fronteiras tênues entre trabalho e vida pessoal. Tudo isso adensa novos elementos à complexidade do estágio atual do capitalismo e do seu padrão de acumulação, que implica em novas faces da exploração do trabalho, pois vem rompendo com o padrão dos tempos de trabalho separado nitidamente dos tempos de não-trabalho. O ritmo, a velocidade, a polivalência, a flexibilidade, o excesso de atividades, a corrida olímpica pela produtividade, tudo isso vem determinando o maior dispêndio de energia

física e mental em prol da elevação de resultados quantitativos e qualitativos, ou seja, produzindo “mais trabalho” (DAL ROSSO, 2008).

Confirmando tudo isso, a pesquisa realizada com docentes da Uerj traduz também, de diferentes formas, o contexto de formação de uma nova sociabilidade do ser humano, que requer mudanças profundas nas instituições educativas e no trabalho docente, exigindo uma nova forma de ser do professor-pesquisador que, de acordo com as formas atualizadas de exploração em tempos de mundialização e reorganização capitalista, conduz o docente ao trabalho exaustivo, submetendo-o aos novos modos de controle e valorização do capital, no sentido de “fazer caminhar a ‘nova universidade’, sem saberem bem para onde ela caminha” (AMARAL, 2018, p.2). Portanto, para contrapor esta lógica, “é pertinente colocar no horizonte imediato da prática docente, a necessidade de desconstrução da cultura perversa que vem sendo tecida e disseminada por docentes e discentes” (AMARAL, 2012, p. 236, *apud* DUARTE, 2017, p. 266), tanto inseridos na graduação quanto na pós-graduação, buscando construir e fortalecer estratégias de resistência.

Conforme tratado por Mancebo (2021), a relação entre trabalhadores e máquinas no capitalismo tem demonstrado que a introdução de tecnologias não melhora, necessariamente, as condições de trabalho. “Ao contrário, a expansão do complexo maquínico-informacional-digital tem modificado, significativamente, tanto as formas de produção quanto as relações de trabalho existentes, tem reordenado o labor” (MACEBO, 2021, p. 9). E, quase sempre, isso remete a situações mais desfavoráveis para os trabalhadores, como maior atomização, jornadas que extrapolam a carga horária contratual, intensificação e precarização do trabalho, implementação de novas formas de monitoramento e controle etc.

Enfim, cabe registrar que, como aconteceu em outras fases históricas do capitalismo, a introdução de novas tecnologias não trouxe ganhos para os trabalhadores, não melhorou as relações trabalhistas, e não tornou as pessoas mais felizes, autônomas e com mais tempo livre. Diante de uma crise sanitária de tal magnitude, como a enfrentada com o advento da Covid-19, o trabalho remoto foi introduzido premido por uma situação atípica e mantido por conveniência e desejo da classe dominante. Cabe aos trabalhadores e trabalhadoras mudar o curso dos atuais acontecimentos.

Considerações finais

Este artigo fundamentalmente propõe o retorno a Marx e ao desenvolvimento de ferramentas e métodos capazes de responder aos desafios apresentados à classe trabalhadora no tempo presente, buscando uma combinação entre as exigências científicas e as exigências político-sindicais.

Ao analisarmos a *Enquete operária* de 1880, consideramos que o questionário de Marx – entendido como mecanismo de investigação e politização – permanece válido na atualidade, principalmente quando se propõe a estudar a relação que se estabelece no conflito e se pretende observar como o sistema de valores que o trabalhador exprime em tempos normais se transfigura em tempos de emergência.

Abordamos aqui uma investigação que não se propôs a observar o fenômeno externamente, mas sim diretamente comprometida com a luta da classe trabalhadora. Na enquete conduzida por Marx, pode-

se ver de maneira exemplar como a intervenção política segue os princípios fundamentais da análise teórica. O questionário de 1880 não pode ser separado do trabalho político geral de Marx e Engels que tem como único objetivo transformar os proletários em classe para si, unidos e guiados pelo conhecimento (MARX; ENGELS, 2005).

Por meio de uma pesquisa feita por um sindicato da Educação, que utilizou um tipo particular de pesquisa-ação, buscamos evidenciar um modo de investigação junto ao movimento dos trabalhadores que combinasse e o lado técnico-científico e o lado político da investigação, servindo de instrumento de luta junto à classe trabalhadora. Um modelo de investigação adaptado a uma prática política junto à categoria que se faz representar. Como consequência desta concepção, a relação entre investigação e processo de decisão se concebe como uma relação dialética, como um elemento que impulsiona um novo processo de iniciativa e participação da base nas decisões do sindicato. Na pesquisa desenvolvida pela Asduerj não houve uma relação imediata entre diagnóstico e ação, mas o que se esperou foi uma representação dos trabalhadores visando a transformação da situação vivida.

Nas enquetes sobre a classe operária, as “explicações” teriam por efeito buscar resultados que avaliam os “níveis de consciência de classe”. Tomamos essa concepção não no sentido de levar “a uma tomada de consciência”, pois esta orientação nos aproximaria de um marxismo com viés economicista e pedagógico. Mas sim a tomamos como uma forma de promover a articulação das exigências metodológicas e políticas com fins de buscar dados empíricos que pudessem auxiliar as lutas e ao mesmo tempo contribuir para a autoavaliação dos trabalhadores em relação às mudanças abruptas no seu cotidiano de trabalho, podendo favorecer a mobilização.

Salientamos também que a exposição dessa experiência científica e sindical não consiste em apontar um caminho metodológico que seja superior ou mais correto, mas sim propor indicações a serem discutidas entre sindicatos de trabalhadores da educação que estejam interessados na obtenção de um conhecimento relevante tanto no plano científico como no plano político e que apresente a possibilidade de propor ações imediatas e futuras.

Um sindicalismo que investigue a realidade com conhecimento teórico adequado e com vigilância epistemológica é um desafio que se coloca atualmente. Sem investigação concreta, o sindicalismo pode se aproximar de um discurso político arbitrário. Por isso, praticar pesquisas nesses moldes, no âmbito sindical, pode ser mais um meio de luta contra formas de imposição de problemáticas ou de subjetivismo dos dirigentes, reunindo teoria e prática numa perspectiva de emancipação.

Por fim, cabe destacar que a *Enquete operária* não deixa de ser um tipo particular de pesquisa-ação que ainda precisa ser mais apropriado e melhor fundamentado para os nossos dias, podendo ser um instrumento fundamental para o sindicalismo docente e para a luta dos trabalhadores em geral. Construir um modo de investigação inserido na relação entre um grupo político-sindical de vanguarda e a base da categoria parece um caminho bem interessante para a inserção dos grupos investigados no sentido de terem eles a iniciativa e o controle do processo de observação, análise e ação no próprio sindicato.

Seguindo este caminho, assim como o método presente em toda obra marxiana, afirmamos a necessidade de armar a classe trabalhadora do ponto de vista teórico e prático para o enfrentamento do

capital, o que inclui as questões mais imediatas da luta política e os horizontes norteadores da luta estratégica. A piora das condições de trabalho e os agravos à saúde dos trabalhadores tratados na *Enquete* continuam a ocorrer no tempo presente, também por isso o texto de Marx (1982) é atual. Aos problemas não superados se somaram outros e durante a pandemia de Covid-19 mais elementos surgem para a análise da situação da classe trabalhadora no mundo. Dito isso, encerramos o presente artigo com uma máxima do pensamento marxista em que para agir na direção da transformação é necessário compreender a fundo a realidade.

Referências

- ALMEIDA, Enaile. OMS inclui o Burnout na lista de doenças do trabalho. **UFMG Notícias**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/oms-inclui-a-sindrome-de-burnout-na-lista-de-doencas-do-trabalho>>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- ALVES, Júlio César Lopardo; JACKSON FILHO, José Marçal. Trabalho, Saúde e Formação Política na Enquete Operária de Marx. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 13-31, jan./abr. 2017.
- AMARAL, Maria Gerlaine Belchior. **A pós-graduação e os sentidos da pesquisa em tempos de produtivismo acadêmico**. Anais... XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd, 2018.
- ASDUERJ. Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisa Trabalho docente na Uerj em tempos de pandemia. Descrição dos dados, 2021. Disponível em: <<https://asduerj.org/v7/wp-content/uploads/2021/02/24fev.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- CONSU. CONSELHO UNIVERSITÁRIO. Resolução N° 12/2020. Estabelece garantias e direitos dos servidores e estudantes da Uerj, em razão da adoção do trabalho remoto e do ensino remoto emergencial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.boluerj.uerj.br/pdf/re_00122020_06112020.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2022.
- DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea São Paulo: Boitempo, 2008.
- DUARTE, Janaína Lopes do Nascimento. **Trabalho docente do assistente social nas federais: contradições e resistências em tempos de intensificação e produtivismo acadêmico**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Temas de Cultura. Ação política. Americanismo e fordismo. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. v. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.
- LANZARDO, Dario. Marx e a Enquete Operária. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ª ed. São Paulo: Polis, 1987.
- MANCEBO, Deise. Trabalho docente remoto da Uerj e a utilização de tecnologias digitais. **Revista Advir**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 7-13, 2021.
- MARX, Karl. O questionário de 1880. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ª ed. São Paulo: Polis, 1987.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MARX, KARL. **Capítulo VI (inédito)**: manuscritos de 1863-1867, O Capital, livro I.1 ed. São Paulo: Boitempo, 2022

RAMMINGER, Tatiana; ATHAYDE, Milton Raimundo Cidreira de.; BRITO, Jussara. Ampliando o diálogo entre trabalhadores e profissionais de pesquisa: alguns métodos de pesquisa-intervenção para o campo da saúde do trabalhador. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n.11, p. 3.191-3.202, 2013.

PANZIERI, Raniero. A concepção Socialista da Enquete Operária. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ª ed. São Paulo: Polis, 1987.

RIBEIRO. Fátima Sueli. Os custos da precarização do trabalho docente na emergência sanitária. **Revista Advir**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 14-24, 2021.

SILVA, Amanda Moreira. Da uberização à youtuberização: a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade**, Vol. 5, nº 09, p. 587-610, jul.-dez./2020.

SILVA, Amanda Moreira. Precarização e intensificação do trabalho docente na Uerj durante a pandemia. *Revista Advir*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 25-34 2021.

THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ª ed. São Paulo: Polis, 1987.

Notas

1 Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente realiza pós-doutorado em Sociologia do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1054082215062361>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9416-0619>. Email: amandamoreira.uerj@gmail.com.

2 O questionário foi publicado pela primeira vez na revista francesa *La Revue Socialiste*, n. 4, em 20 de abril de 1880. Para fins deste artigo foi utilizada especialmente a versão traduzida do inglês, contida do livro de Thiollent (1987). Porém, no final de 2022, após a conclusão deste artigo - representando uma feliz coincidência -, a editora Boitempo publicou a Enquete Operária junto ao Capítulo VI (inédito) de Karl Marx (2022), demonstrando a importância do resgate deste texto nos dias atuais. Nesta edição da Boitempo a tradução tomou por base o manuscrito redigido em inglês (com poucas passagens em francês), porém também o cotejou com a edição francesa, uma vez que apresenta diferenças de grande importância.

3 Foram solicitados os e-mails dos participantes para algum eventual contato futuro, dados esses que somente os pesquisadores, a diretoria e duas funcionárias do sindicato tiveram acesso.

4 Todas as contribuições e informações que os participantes ofereceram por meio do questionário foram utilizadas, exclusivamente, para a pesquisa “Trabalho docente na Uerj em tempos de pandemia” e todos os dados dos/das respondentes foram mantidos em sigilo. Na enquete de Marx, o operário devia dar o seu nome e o seu endereço, de modo a permitir, se fosse o caso, entrar em contato com ele. Algo parecido foi feito na pesquisa da Asduerj, em que os docentes assinavam um termo de responsabilidade e disponibilizavam o seu nome completo, instituto em que atua e e-mail para contato.

5 Alguns canais no *Youtube* em que a pesquisa foi apresentada e discutida: Asduerj na quarentena, Histraeb, Conjuntura Live, Sinpro-RS, Seções sindical da UFSM, Andes-SN e Rede Aste.

6 A síndrome de *Burnout* é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastantes. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. A partir de janeiro de 2022, o *Burnout* está incluído na nova Classificação Internacional de Doenças (CID-11), oficializado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como síndrome ocupacional crônica, já que é um fenômeno ligado ao trabalho. (ALMEIDA, 2022).

7 Cabem análises futuras, não realizadas neste artigo, a respeito da diferença na produção acadêmica de homens e mulheres durante a pandemia. Tarefas dos cuidados com idosos e crianças, além da casa, muitas vezes como tarefas direcionadas às mulheres gerou sobrecarga, como já indicam os resultados preliminares do projeto brasileiro *Parent is Science*. Disponível em: <<https://www.parentinscience.com/>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Recebido em: 06 de out. 2022

Aprovado em: 16 de out. 2022